

DERIVANDO O COMPLEXO VERBAL DO CINYANJA: UMA ANÁLISE NO ESCOPO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

DERIVANDO EL COMPLEJO VERBAL CINYANJA: UN ANÁLISIS EN EL ÁMBITO DE
LA MORFOLOGÍA DISTRIBUIDA

DERIVING THE VERBAL COMPLEX IN CINYANJA: A DISTRIBUTED
MORPHOLOGY ANALYSIS

Bárbara Guimarães Rocha¹
Universidade Federal de Minas Gerais
rocha.barbara@icloud.com
0000-0003-1731-7082

Resumo

Este trabalho fornece uma análise minimalista da derivação do complexo verbal da língua Cinyanja, no contexto da Morfologia Distribuída. Os verbos em Cinyanja compreendem um complexo de morfemas consistindo em marcação de sujeito (obrigatória), de objeto (opcional), negação, tempo-modo-aspecto, raiz verbal, extensões verbais, e vogal final. A metodologia deste trabalho consiste na análise de dados empíricos coletados com um falante nativo de Cinyanja. Comparando diferentes construções, pretendo identificar os morfemas que podem ser concatenados com a raiz verbal e derivar a estrutura morfossintática do complexo verbal. Proporei que os seguintes morfemas são concatenados com a raiz do verbo para derivar a estrutura do complexo verbal, nesta ordem linear: negação, marcação de sujeito, tempo-aspecto-modo, marcação de objeto, extensões, e vogal final.

Palavras-chave: Verbos; Línguas Bantu; Cinyanja; Morfologia Distribuída.

¹ Doutora em linguística teórica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta pesquisa foi financiada pela CAPES. Gostaria de agradecer aos meus professores Janayna Maria da Rocha Carvalho e Maurício Sartori Resende por me apresentarem o mundo da Morfologia Distribuída. Agradeço também ao meu orientador Fábio Bonfim Duarte e ao Laboratório de Línguas Indígenas e Africanas (LALIAFRO/UFMG) por me introduzirem aos estudos de línguas Bantu. Gostaria ainda de agradecer ao meu amigo Kondwani Belala por sua ajuda inestimável no fornecimento dos dados discutidos neste trabalho. Por fim, agradeço a Paulo Bittencourt pela revisão do texto. Muito obrigada!

Resumen

Este trabajo proporciona un análisis minimalista de la derivación del complejo verbal de la lengua Cinyanja, en el contexto de la Morfología Distribuida. Los verbos en Cinyanja comprenden un complejo de morfemas que consisten en marcación de sujeto (obligatoria), de objeto (opcional), negación, tiempo-modo-aspecto, raíz verbal, extensiones verbales y vocal final. La metodología de este trabajo consiste en el análisis de datos empíricos recolectados con un hablante nativo de Cinyanja. Comparando diferentes construcciones, pretendo identificar los morfemas que pueden ser concatenados con la raíz verbal y derivar la estructura morfosintáctica del complejo verbal. Propondré que los siguientes morfemas se concatenan con la raíz del verbo para derivar la estructura del complejo verbal, en este orden lineal: negación, marcación de sujeto, tiempo-aspecto-modo, marcación de objeto, extensiones y vocal final.

Palabras-clave: Verbos; Lenguas Bantúes; Cinyanja; Morfología Distribuida.

Abstract

This work provides a minimalist analysis of the derivation of the verbal complex in Cinyanja, within the framework of Distributed Morphology. Verbs in Cinyanja comprise a complex of morphemes consisting of subject marking (obligatory), object marking (optional), negation, tense-mood-aspect, the verbal root, verbal extensions, and a final vowel. The methodology of this study involves analyzing empirical data collected from a native Cinyanja speaker. By comparing different constructions, I aim to identify the morphemes that can be concatenated with the verbal root and derive the morphosyntactic structure of the verbal complex. I will propose that the following morphemes are concatenated with the verb root to derive the structure of the verbal complex, in this linear order: negation, subject marking, tense-aspect-mood, object marking, extensions, and final vowel.

Keywords: Verbs; Bantu Languages; Cinyanja; Distributed Morphology.

Recebido: 15/11/2025

Aceito: 16/03/2026

1. Introdução

O objetivo do presente artigo é oferecer uma explicação minimalista (Chomsky, 1995) da derivação do complexo verbal na língua Bantu Nyanja (N.31), dentro do quadro da Morfologia Distribuída (Halle *et al*, 1993, Halle e Marantz, 1994). O estudo procura explicar como os diferentes elementos morfológicos que compõem o verbo em Cinyanja são derivados de operações sintáticas subjacentes. A Morfologia Distribuída fornece um quadro teórico adequado para esta análise, pois assume que tanto a sintaxe quanto a morfologia contribuem para a formação de palavras complexas, e que os

morfemas são manipulados durante a derivação sintática antes de serem realizados por regras morfológicas em estágios posteriores da computação.

Os verbos em Cinyanja, como em muitas outras línguas Bantu, formam uma unidade morfológica complexa composta por múltiplos morfemas ordenados que, juntos, codificam uma variedade de categorias gramaticais. Estas incluem marcadores de negação, tempo, aspecto, bem como marcação de sujeito e objeto, extensões verbais e uma vogal final. Cada um desses componentes desempenha um papel gramatical distinto, e sua posição dentro do complexo verbal está sujeita a restrições morfossintáticas estritas. Uma compreensão clara de como esses morfemas se combinam, interagem e surgem é, portanto, essencial para descobrir a organização interna do verbo em Cinyanja.

Desse modo, o objetivo deste artigo é abordar um problema central na análise da morfologia verbal Bantu: embora a estrutura geral do complexo verbal esteja bem documentada para muitas línguas Bantu, a ordem precisa dos morfemas, os mecanismos derivacionais e a representação sintática desses elementos em Cinyanja permanecem insuficientemente descritos. Os relatos existentes frequentemente fornecem modelos descritivos, mas não explicam totalmente como os morfemas são derivados, concatenados e linearizados dentro de um quadro teórico fundamentado. Ao examinar uma gama de construções verbais em Cinyanja, cobrindo variações em negação, tempo, aspecto e estrutura de argumentos, este artigo visa identificar quais morfemas podem ser combinados com a raiz verbal e derivar a estrutura sintática do complexo verbal em uma abordagem minimalista.

Por fim, a análise aqui apresentada procura preencher a lacuna entre as abordagens descritivas e teóricas da morfologia verbal em Cinyanja. Ao fundamentar o estudo na Morfologia Distribuída, o artigo não apenas esclarece a organização interna do complexo verbal, mas também contribui para debates mais amplos na morfossintaxe Bantu relativos à interação entre sintaxe e morfologia. Ao fazê-lo, fornece uma explicação fundamentada do problema em questão, isto é, a derivação e a ordenação de morfemas no complexo verbal Cinyanja, e situa as descobertas dentro do quadro maior da teoria minimalista e da linguística comparada Bantu.

A próxima seção apresentará o problema em questão, isto é, uma breve discussão sobre os estudos das construções verbais nas línguas Bantu e as abordagens para investigar a estrutura morfossintática do verbo em Cinyanja.

1.1. O problema em questão

O que é uma “palavra”? O termo “palavra” refere-se a uma unidade de análise fundamental, porém complexa, que desempenha funções tanto gramaticais quanto fonológicas dentro das línguas. De modo geral, uma palavra pode ser definida como a menor forma livre que consegue subsistir sozinha como um enunciado independente, carregando significado e participando de processos sintáticos e morfológicos. No entanto, definir o que constitui uma palavra está longe de ser algo simples, pois os sistemas linguísticos variam na forma como codificam significado, flexão e coesão fonológica. As palavras podem consistir em um único morfema ou em múltiplos morfemas combinados através de

morfologia flexional ou derivacional. De uma perspectiva teórica, supõe-se que a palavra sirva como uma interface entre a sintaxe, a morfologia e a fonologia, funcionando como um domínio tanto estrutural quanto interpretativo. Consequentemente, a definição precisa de "palavra" muitas vezes depende do nível de análise linguística — como considerações ortográficas, fonológicas, morfológicas, semânticas ou sintáticas —, ressaltando seu status como um conceito central, mas inerentemente gradiente, na teoria linguística.

Existem várias questões envolvidas na definição de "palavra". Em primeiro lugar, não há uma correspondência 1:1 entre uma unidade prosódica e uma unidade morfológica, ou seja, uma palavra fonológica pode, às vezes, coincidir com duas ou mais palavras morfológicas, ou vice-versa. Considere o exemplo abaixo.

- 1 I don't know² → [aɪrənu:] → três unidades morfológicas, uma unidade prosódica

Também não há correspondência 1:1 entre uma unidade semântica e uma unidade morfológica ou prosódica. Por exemplo, em relação a unidades de significado especial não composicionais, podem-se encontrar expressões com mais de uma unidade morfológica que, juntas, constituem apenas uma unidade semântica, as chamadas expressões idiomáticas, como visto no exemplo abaixo.

- 2 Kick the bucket → to die³ → morrer (informal) → três unidades morfológicas, uma unidade de significado especial

Embora a sintaxe e a morfologia sejam frequentemente tratadas como domínios distintos, elas compartilham preocupações fundamentais, incluindo o princípio da opacidade morfológica. Para abordar essas questões, adoto a abordagem da Morfologia Distribuída (MD) (Halle e Marantz, 1994). Na MD, definir "palavra" é desnecessário: tanto palavras quanto frases são pares de forma e significado com propriedades fonológicas, semânticas e estruturais, e esses pares são gerados pelo mesmo mecanismo, a saber, a sintaxe estrita. A Seção 3 aprofunda este ponto.

A morfologia verbal nas línguas Bantu apresenta grandes desafios teóricos e descritivos devido à interação de tempo, aspecto, modo, concordância e afixos derivacionais dentro de um complexo verbal intrincado. Modelos tradicionais que assumem uma separação clara entre o léxico e a sintaxe, como os desenvolvidos por Chomsky (1970); Halle (1973); Scalise e Guevara (2005), Giegerich (2015), e a abordagem da Gramática Lexical Funcional (cf. Falk, 2001; Dalrymple *et al.*, 2019; Börjars *et al.*, 2019; Dalrymple, 2023; entre outros), têm dificuldade em explicar como esses elementos são integrados em um único processo derivacional. Interações entre a estrutura sintática e operações morfofonológicas pós-sintáticas (ex: afixação, harmonia vocálica, concordância) produzem padrões que são sistemáticos, mas por vezes irregulares. Sem um arcabouço que ligue a sintaxe hierárquica à morfologia linear, as análises dos

² Tradução para o português: "eu não sei".

³ É interessante notar que a tradução literal de "kick the bucket" – "chutar o balde" – tem significado completamente diferente no português, consistindo em outra expressão idiomática ("perder a paciência"). A tradução mais próxima de "kick the bucket" seria "bater as botas" (morrer em registro informal).

sistemas verbais Bantu permanecem amplamente descritivas em vez de explicativas.

Esses desafios exigem uma abordagem que trate a formação de palavras como sendo tanto sintática quanto pós-sintática. A MD oferece tal arcabouço ao derivar todos os pares de forma e significado na sintaxe a partir de raízes de categoria neutra e feixes de traços, com expoentes fonológicos inseridos pós-sintaticamente. Aplicada ao Cinyanja, a MD captura tanto a estrutura hierárquica da formação verbal quanto a realização superficial de afixos e extensões, revelando padrões sistemáticos e variações previsíveis entre classes verbais. Considere a sentença abaixo, uma construção aplicativa benefactiva típica encontrada no Cinyanja. Observe a estrutura complexa do complexo verbal, no qual a raiz se funde com afixos que transmitem fragmentos de significado, tais como tempo, aspecto, concordância e mudanças na valência verbal.

3 *Nkángo waphéla osáka mbidzi.*

nkango	w-a-ph-el-a	osaka	mbidzi
3-leão	3SM-PAST-matar-APPL-FV	2-caçador	9-zebra

'O leão matou a zebra para os caçadores.'

A próxima seção apresentará as perguntas teóricas que guiam o presente estudo.

1.2. Perguntas teóricas e hipótese

O presente artigo propõe uma investigação sobre a estrutura interna do complexo verbal de Cinyanja, com o objetivo de descrever a sua composição morfológica e organização sintática. O Cinyanja apresenta a característica morfológica aglutinante das línguas Bantu, pela qual múltiplas categorias gramaticais são codificadas através de uma sequência hierárquica de afixos anexados a uma raiz verbal. Apesar do substancial corpo de literatura sobre a morfologia verbal Bantu, as propriedades estruturais específicas do complexo verbal de Cinyanja permanecem relativamente pouco documentadas. Portanto, este artigo procura contribuir para a compreensão descritiva e teórica dos verbos na língua Nyanja, fornecendo um relato sistemático da ordem dos morfemas e da organização hierárquica interna do seu complexo verbal.

O estudo é guiado pelas seguintes perguntas teóricas:

1. Quais morfemas ocorrem dentro do complexo verbal do Cinyanja?
2. Qual é a estrutura morfossintática desse complexo?

A hipótese apresentada neste artigo é a de que o complexo verbal do Cinyanja é composto por uma série de morfemas ordenados, fundidos hierarquicamente com a raiz do verbo. Esses morfemas não são livremente permutáveis; pelo contrário, a sua distribuição e ordem são regidas por restrições morfossintáticas que refletem esta hierarquia gramatical subjacente. A disposição linear proposta para os morfemas é a seguinte:

NEG	sujeito	aspecto + tempo /modo	objeto	√raiz	extensões	vogal final
-----	---------	--------------------------	--------	-------	-----------	-------------

A estrutura morfossintática subjacente do complexo verbal pode ser representada como segue:

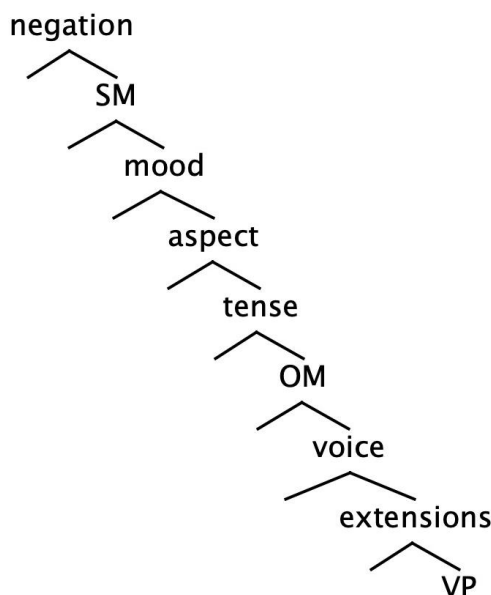


Figura 1: *estrutura* verbal do Cinyanja

A estrutura proposta reflete a suposição de que cada posição no complexo verbal corresponde a uma função gramatical distinta, e essa sequência relativa desses morfemas é restrita dentro do domínio morfológico. Tal restrição pode estar relacionada ao Princípio do espelho de Baker (1985)⁴.

Núcleos funcionais como negação, tempo/aspecto/modo, e marcação de sujeito/objeto compõem os prefixos que ocorrem à esquerda da raiz verbal. Por outro lado, categorias híbridas como extensões verbais ocorrem à direita da raiz verbal; as extensões consistem em afixos que podem alterar a valência e o significado do verbo. Mais detalhes sobre as extensões que ocorrem em Cinyanja são apresentados na seção 2.

Ao analisar a estrutura interna e as propriedades distributivas destes morfemas, o presente artigo visa promover uma melhor compreensão dos princípios morfossintáticos que fundamentam a estrutura verbal em Cinyanja.

A próxima seção apresentará a metodologia empregada neste trabalho.

1.3. Metodologia

O presente artigo emprega uma metodologia experimental-empírica (cf. Matthewson, 2004) fundamentada na pesquisa baseada em elicitación dentro da morfossintaxe. Esta abordagem combina a investigação teórica com a coleta controlada de dados, o que permite a investigação sistemática de julgamentos de falantes nativos a respeito da morfologia verbal e da estrutura sintática.

⁴ Baker propõe que a ordem dos morfemas reflete a ordem dos nós sintáticos que são concatenados dentro do complexo verbal em línguas polissintéticas, como as línguas da família Bantu.

A escolha da língua Nyanja deve-se às seguintes considerações: existe um projeto de cooperação em curso entre o Laboratório de Línguas Indígenas e Africanas (LALIAFRO) e a Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique; e o fato de que esta língua ainda é pouco documentada. O Cinyanja pertence à mesma família linguística que o Chichewa, que é amplamente estudado, mas não recebe o mesmo nível de pesquisa. Assim, o estudo da estrutura verbal do Cinyanja justifica-se.

A principal fonte de dados foi um falante nativo de Cinyanja de Moçambique que também é professor da língua. O consultor forneceu julgamentos gramaticais, interpretações, e comentários metalinguísticos. A elicitación foi conduzida de forma colaborativa através de mensagens online para garantir precisão e consistência.

Os dados foram coletados por meio de questionários estruturados projetados para elicitación julgamentos de gramaticalidade e contrastes de aceitabilidade. As sentenças incluíram vários tipos de verbos selecionados de acordo com critérios semânticos e morfossintáticos da plataforma VerboWeb (Cançado *et al.*, 2018). A amostra abrangeu diferentes estruturas de argumentos, padrões flexionais, e extensões derivacionais, formando uma base empírica ampla para analisar a estrutura verbal do Cinyanja.

O banco de dados resultante consiste em sentenças elicitadas e organizadas sistematicamente, classificadas por tipo de verbo, morfologia, e comportamento sintático. Este corpus sustenta a análise, que aplica a Morfologia Distribuída à estrutura interna dos verbos em Cinyanja.

Cada sentença foi analisada quanto às propriedades morfológicas e sintáticas, incluindo negação, tempo, aspecto, modo, marcação de sujeito e objeto, e extensões verbais. Os julgamentos foram comparados entre os tipos de verbos para identificar regularidades e irregularidades. Dentro do arcabouço da MD, o complexo verbal foi decomposto em raízes e morfemas funcionais, destacando processos pós-sintáticos e a interação entre sintaxe e morfologia.

O estudo baseia-se em um único consultor, o que pode limitar a representação de uma variação mais ampla. Para lidar com isso, os julgamentos foram sistematicamente verificados quanto à consistência e contrastes claros foram priorizados.

Os procedimentos éticos foram seguidos: o consultor foi informado sobre os objetivos do estudo e consentiu com o uso de seus dados. A coleta de dados respeitou a experiência e o contexto cultural do participante, garantindo a confiabilidade e a adesão aos padrões éticos na pesquisa linguística.

A próxima seção apresenta a estrutura deste artigo.

1.4. Estrutura do artigo

Este artigo está organizado da seguinte forma: a Seção 1 consiste na introdução, na qual o problema em questão, as perguntas de pesquisa, e a metodologia são apresentados. A Seção 2 fornece uma breve apresentação da língua Nyanja. A Seção 3 discute o referencial teórico assumido neste trabalho. A Seção 4 apresenta os dados analisados neste artigo. A Seção 5 trata da proposta teórica. A Seção 6 apresenta as considerações finais.

A próxima seção apresentará um breve relato sobre o Cinyanja.

2. A língua Nyanja

Cinyanja⁵ é uma língua Bantu, classificada como N.31 por Guthrie (1948). De acordo com o World Data⁶, é falada por cerca de 11 milhões de falantes em Moçambique, Malawi, Zâmbia e Zimbábue. Em Moçambique esta língua é falada por cerca de 2,9 milhões de pessoas em três províncias, a saber: Niassa, Zambézia e Tete. As seguintes variantes também fazem parte da subfamília Chewa-Nyanja: Cicewa (Chichewa) e Cimang'anga (Cingoni). Vale ressaltar que, embora o Cinyanja e o Cicewa façam parte da mesma subfamília, existem diferenças entre as duas variantes. Enquanto o Cicewa é amplamente estudado, o Cinyanja ainda precisa de ser mais documentado e analisado.

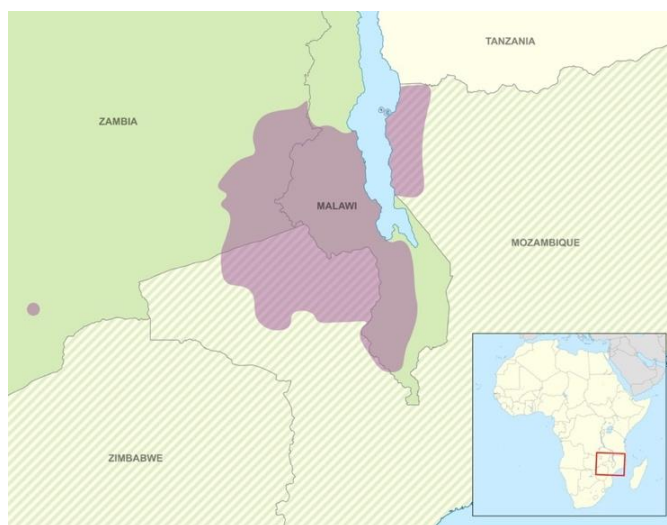


Figura 2: distribuição geográfica dos falantes de Cinyanja (fonte Ethnologue).

A classificação do Cinyanja é ilustrada abaixo.

- Niger-Congo
 - Atlantic-Congo
 - Volta-Congo
 - Benue-Congo
 - Bantoide
 - Bantoide do Sul
 - Bantu
 - Nyasa
 - Chewa-Nyanja

Cinyanja apresenta as seguintes propriedades: 18 classes nominais, que são parcialmente organizadas de acordo com considerações semânticas; um

⁵ O prefixo {*ci-*} pertence à classe 7, que está associada a coisas, lugares e línguas.

⁶ Os dados são encontrados aqui: <https://www.worlddata.info/languages/chichewa.php>, visitado em 04/03/2026.

sistema tonal⁷; e um rico sistema de concordância. Neste artigo vou restringir esta apresentação às propriedades morfológicas e sintáticas dessa língua.

Os nomes são organizados em 18 classes que consistem em afixos associados à concordância, à marcação de sujeito, e à marcação de objeto. A tabela seguinte apresenta as classes de substantivos, os seus prefixos, e a sua semântica.

Classe	Prefixo	Gênero	Semântica	Exemplos
1	mu- / Ø	singular de 2	pessoas (todos), também de animais	mu-nthu 'pessoa galu 'cão'
2	a-	plural de 1		a-nthu 'pessoas a-galu 'cães'
3	mu-	singular de 4	plantas, partes do corpo, lugares	m-tengo 'árvore
4	mi-	plural de 3		mi-tengo 'árvores'
5	di-/dzi-/ Ø/	singular de 6	partes do corpo humano e animais, coisas, lugares	di-so 'olho'
6	ma-	plural de 5 e 11		ma-so 'olhos'
7	ci-	singular de 8	lugares, coisas (produtos, tubérculos)	ci-manga 'milho'
8	zi-	plural de 7		zi-manga 'milhos'
9	N-	singular de 10	animais, coisas	mbelele 'ovelha'
10	N-	plural de 9		mbelele 'ovelhas'
11	lu-	singular de 6	coisas longas, lugares	lu-zi 'corda'
12	ka-	singular de 13	diminutivos	ka-mwana 'criancinha'
13	ti-	plural de 12		ti-mwana 'criancinhas'
14	wu-	substâncias	massivos, abstratos	u-ci 'mel'
15	ku-	infinitivo	-----	ku-lemba 'escrever'
16	pa-	locativo	situacional	pa-munda 'na machamba'
17	ku-	locativo	direcional	ku-munda 'em direção a machamba'
18	mu-	locativo	interioridade	m'-munda 'dentro da machamba'

Tabela 1: as classes nominais do Cinyanja (fonte: Biriarte, 2023: 23)

A tabela seguinte apresenta os afixos associados à concordância. A distribuição destes morfemas é determinada pelo tipo de concordância, ou seja, se a raiz é um verbo, um adjetivo, um pronome possessivo, um demonstrativo, ou um numeral.

⁷ Em Cinyanja, existe um contraste entre um tom alto e um tom baixo subespecificado (Downing e Mtenje, 2017). Além disso, as distinções de tom ocorrem tanto a nível lexical quanto gramatical. Veja os seguintes exemplos. Em (i) há um contraste determinado lexicalmente, enquanto em (ii) ocorre um contraste determinado gramaticalmente (aspectual):

- i. *nkango* 'cacho'
nkángo 'leão'
- ii. *ndímapíta* 'eu geralmente vou'
ndimápíta 'eu costumava geralmente ir'

classe	prefixo/ pronome	verbo	adjetivo	possessivo	demonstrativo	numeral
1	mu-	w-	w-	w-	-yu	m-
2	a-	a-	o-	a-	-wa	a-
3	mu-	u-	w-	w-	-wu	u-
4	mi-	yi-	y-	y-	-yi	yi-
5	di-/dzi/ ø	li-	lo-	l-	-li	li-
6	ma-	a-	o-	a-	-wa	a-
7	ci-	ci-	c-	c-	-ci	ci-
8	zi-	zi-	z-	z-	-zi	zi-
9	N-	yi-	y-	y-	-yi	yi-
10	N-	zi-	z-	z-	-zi	zi-
11	lu-	li-	lo-	l-	-li	li-
12	ka-	ka-	ko-	ka-	-ka	ka-
13	ti-	ti-	to-	t-	-ti	ti-
14	wu-	wu-	w-	w-	-wu	wu-
15	ku-	ku-	kw-	kw-	-ku	ku-
16	pa-	pa-	po-	pa-	-pa	pa-
17	ku-	ku-	ko-	kw-	-ku	ku-
18	mu-	mu-	mo-	mw-	-mu	m-

Tabela 2: prefixos de concordância do Cinyanja (fonte: Macalane, 2013: 51)

Como observado por Kishindo (2025: 973)

o prefixo geralmente codifica informações relativas a número e gênero, onde o sistema de gênero é de gênero natural. A estrutura formal do substantivo, que tem certa influência em sua pertinência de classe, tem relevância para a regulação dos padrões de concordância das línguas. Em resumo, os modificadores do substantivo são marcados para concordar com as características de classe do substantivo principal. Essas características também se refletem no marcador de sujeito (SM) e nos marcadores de objeto (OM) na morfologia verbal.⁸

Veja os exemplos abaixo de como os afixos funcionam em Cinyanja. Observe que o prefixo da classe 2 fundiu-se ao substantivo em (4) e ao possessivo em (5). As frases em (6) ilustram os padrões de concordância da língua.

- 4 $\sqrt{\text{pusi}}$ pusi 'gato'
a-pusi 'gatos'
- 5 nyani yanga 'meu macaco'
a-nyani anga 'meus macacos'
[Biriante 2023: 80]
- 6a Chi-londa cha-nga chi-ja cha-pola
7-ferida 7.SBJ-minha 7-DEM 7-sarou
'aquela ferida minha sarou'
- 6b M-kanda wa-nga u-ja wa-tayik-a
5-missanga 5.SBJ-minha 7-DEM 7.SBJ.PRS-perdida-FV
'Aquela minha missanga foi perdida'
[Kishindo 2025: 973]

⁸ Tradução minha.

Sintaticamente, o Cinyanja segue os padrões sintáticos gerais das línguas Bantu, tais como a concordância, e a ordem básica de palavras SVOX. A frase seguinte ilustra uma frase típica em Cinyanja.

7 *N'nyamata anadya nthoci imodzi dzulo kuphwando.*

n'nyamata	a-na-dy-a	nthoci	i-modzi	dzulu
1menino	1SM-PAST-COMER-FV	9banana	NUM-uma	ontem

ku-phwando
17LOC-festa
'O menino comeu uma banana ontem na festa.'
[Biriarte 2023: 39]

Nada pode intervir entre o verbo e seu complemento. Assim, o sujeito pode ocorrer à esquerda ou à direita desse objeto sintático V+O. Veja os exemplos abaixo que ilustram essa propriedade.

8 *Abambo anayipha mbudzi.*

Abambo	a-na-yi-ph-a	mbudzi
1Pai	1SM-PAST-9OM-matar-FV	9cabrito

'Pai matou o cabrito.'
[Biriarte 2023: 40]

9 *Anayipha mbudzi abambo.*

a-na-yi-ph-a	mbudzi	abambo
1SM-PAST-9OM-matar-FV	9cabrito	1pai

'Matou o cabrito pai' (lit.)
[Biriarte 2023: 40]

10 **Anayipha abambo mbudzi.*

a-na-yi-ph-a	abambo	mbudzi
1SM-PAST-9OM-matarl-FV	1pai	9cabrito

'Matou pai o cabrito.'

O Cinyanja faz uso de marcas de sujeito (SM) e de objeto (MO). A SM é obrigatória. Além disso, ela parece ser ambígua, ou seja, pode funcionar como concordância verbal "direta" ou como concordância de longa distância (anafórica). Na sua presença, o DP sujeito pode ser apagado e recuperado pelo contexto. Desse modo, a SM pode funcionar como sujeito gramatical, concordância verbal, ou concordância anafórica com um referente tópico. Por outro lado, a MO é opcional, e possui propriedades associadas à incorporação pronominal. A MO permite a elisão do DP objeto, que é recuperado no contexto, e, adicionalmente, funciona como o objeto gramatical do verbo. A questão das marcas de sujeito e objeto é discutida na seção 4.

Quanto às extensões verbais, elas consistem em afixos que são anexados à direita da raiz do verbo e estão ligados a mudanças no significado e na valência verbal. Guthrie (1962) classifica as extensões verbais Bantu pelo seu efeito na valência verbal: extensões que adicionam um objeto (O+), aquelas que suprimem ou demovem um objeto (O-), e extensões neutras que não alteram a valência. Aqui, (O) refere-se ao objeto.

As extensões causativas e aplicativas são O+, enquanto as extensões passivas, estativa, e recíproca são O-. As extensões neutras incluem a reversiva.

Quando um verbo recebe uma extensão aplicativa ou causativa, ele se torna transitivo ou bitransitivo. Por outro lado, quando um verbo transitivo recebe uma extensão passiva, estativa, ou recíproca, ele se torna intransitivo. As extensões neutras deixam a valência do verbo inalterada.

De acordo com Biriante (2023: 31-38), existem nove extensões que ocorrem em Cinyanja, a saber: passiva, aplicativa, pseudo-passiva/ estativa, causativa, intensiva, reversiva, perfectiva, recíproca e associativa. Conforme descrito por Macalane (2013) e Biriante (2023), estas são as extensões com os seus alomorfes.

Passiva: -idw/edw-
indica que o sujeito é o paciente do evento.

Applicativa: -il/-el/-ir/-er
introduz um objeto que estabelece uma relação com o evento descrito pelo verbo.

Pseudo-passiva/stativa: -ik/-ek
indica estado, qualidade iminente, e possibilidade.

Causativa: -its/-ets/-y
indica que o sujeito do evento (causador) faz com que o objeto "extra" (causado) realize algo.

Intensiva: -its(its)-/-ets(ets)-
indica a intensidade ou a força com que o evento é realizado.

Reversiva: -ul/-ol
indica a interpretação oposta do verbo sem extensões.

Perfectiva: -ilil/-elel
indica perfeição, precisão, acabamento, levando a ação até o seu fim sem parar.

Recíproca: -an/-an(an)-
indica que o evento denotado pelo verbo envolve mais de um sujeito, sendo cada um o objeto da ação executada pelo outro, e vice-versa.

Associativa: -an
indica uma relação entre sujeitos ou objetos.

Nesta secção, apresentei uma breve visão geral da língua Nyanja, focando-me nas propriedades morfossintáticas do idioma. A próxima secção abordar o enquadramento teórico assumido no presente artigo.

3. Enquadramento teórico

Este artigo adota o arcabouço da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1994; Halle *et al*, 1993), que postula que tanto as palavras quanto as sentenças são derivadas por um único mecanismo gerativo — a saber, o sistema computacional da gramática interna do falante. Dentro deste modelo, a gramática é estruturada de acordo com os princípios do Programa Minimalista de Chomsky (1995), compreendendo três componentes distintos: a computação (ou sintaxe estreita), e duas interfaces interpretativas — a Forma Fonológica (PF) e a Forma Lógica (LF). O componente computacional é responsável pela geração de pares de forma e significado, isto é, estruturas sintáticas, enquanto a PF e a LF constituem as interfaces com os sistemas articulatorio-perceptual e conceitual-intencional, respectivamente. A interface PF interpreta os aspectos fonológicos e fonéticos dos objetos sintáticos, ao passo que a LF interpreta suas propriedades semânticas composicionais.

A derivação inicia-se na etapa da Numeração, na qual os itens lexicais são selecionados e entram no módulo computacional. O processo prossegue através da aplicação de *Merge*, uma operação binária fundamental que combina dois objetos sintáticos para formar uma nova unidade sintática estruturada hierarquicamente. *Merge* aplica-se recursivamente, produzindo objetos sintáticos cada vez mais complexos. Além disso, as derivações sintáticas são construídas em estágios cíclicos chamados fases (Chomsky, 2008), que constituem domínios discretos de computação. Ao término de cada fase, a estrutura correspondente é transferida para as interfaces PF e LF de modo a receber interpretação fonológica e semântica. Como observado por Gallego (2015: 199-200), as fases são domínios de valoração de traços; traços não interpretáveis nas interfaces (traços formais) devem ser valorados e eliminados como parte do processo de Transferência/Spell-Out. Esse processo atinge apenas o domínio do complemento da fase, deixando a borda intacta. Gallego (2015: 201) assume dois tipos de núcleos fásicos: núcleos indutores de categoria (os núcleos *x* de Marantz), e núcleos atribuidores de Caso estrutural (*v* e *T*).

Halle *et al* (1993) propõem a forte hipótese de que muitos nós terminais que emergem fonologicamente como afixos correspondem a núcleos sintáticos, enquanto elementos morfológicos adicionais são introduzidos ou criados na Estrutura Morfológica de maneiras sistemáticas e previsíveis (1993: 139). Propõem ainda que os traços flexionais não são extraídos do léxico ou do vocabulário, mas sim incorporados dentro de feixes de morfemas pré-empacotados na gramática. Consequentemente, os processos de formação de palavras são tratados como sendo de natureza tanto sintática quanto pós-sintática, em vez de lexicais (1993: 166). O primeiro passo deste processo é a categorização das raízes. Esses itens entram na derivação sem uma categoria especificada, em vez disso, cada raiz é associada a um nó de categoria e então enviada para o Spell-Out (cf. Arad, 2003).

Os autores propõem a existência de três listas, a saber: (1) o léxico estreito; (2) o vocabulário; e (3) a enciclopédia. Na versão do léxico estreito proposta pela abordagem da MD que assumo neste artigo, as raízes correspondem a itens subespecificados que codificam instruções de legibilidade a serem interpretadas nas interfaces PF e LF.

O léxico também inclui feixes de traços que carregam propriedades morfossintáticas e semânticas que estão associadas aos nós sintáticos que podem ocupar na estrutura. A lista de vocabulário fornece a expressão morfofonológica dos nós sintáticos por meio de regras de correspondência. Finalmente, a enciclopédia é uma lista de significados não composicionais especiais e imprevisíveis que toma toda a derivação como entrada. Tomadas em conjunto, estas listas fornecem os itens e os processos morfossintáticos/morfofonológicos que geram as expressões linguísticas.

A figura abaixo ilustra esse modelo da gramática gerativa.

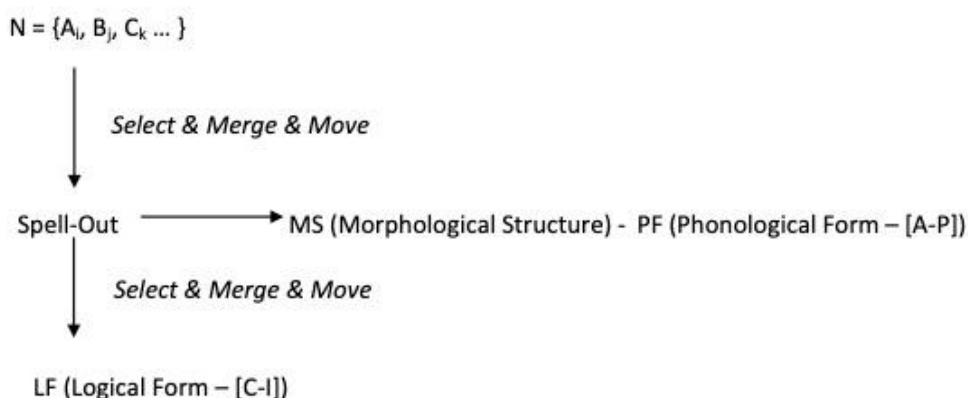


Figura 3: modelo do sistema computacional no escopo da MD (fonte: Rocha, 2017: 68)

A próxima seção apresenta os dados relevantes para a análise teórica proposta neste artigo.

4. Os dados⁹

Nesta seção apresento os dados relevantes da língua Nyanja a fim de desenvolver minha proposta teórica. Como será demonstrado na próxima seção, proponho que os afixos sejam combinados com a raiz do verbo na seguinte ordem linear, a qual reflete a derivação da estrutura do complexo verbal.

NEG	sujeito	aspecto + tempo /modo	objeto	$\sqrt{\text{raiz}}$	extensões	vogal final
-----	---------	--------------------------	--------	----------------------	-----------	-------------

Esta seção está estruturada da seguinte forma: a 4.1. trata do afixo de negação; a 4.2. apresenta os afixos de marcação de sujeito e objeto; a 4.3. mostra os afixos aspectuais e de tempo; a 4.4. apresenta o afixo de modo; a 4.5. aborda as extensões verbais; e, finalmente, a 4.6. apresenta a vogal final.

4.1. Negação

Nesta seção, apresento dados sobre a negação em Cinyanja. Observe os exemplos abaixo. Note a presença do prefixo $\{s(i)-\}$ na frase negativa (12).

⁹ Devido às restrições de espaço, os exemplos aqui apresentados correspondem a uma pequena amostra de construções. Mais exemplos devem ser analisados em trabalhos futuros.

11 *Nkáazi anawúmba m'phika.*

nkaazi	a-na-wumb-a	m'phika
1-mulher	1SM-PAST-moldar-FV	3-vaso
'A mulher moldou o vaso.'		

12 *Nkáazi s(i)anawúmbe m'phika.*

nkaazi	si-a-na-wumb-e	m'phika
1-mulher	NEG-1SM-PAST-moldar-FV.NEG	3-vaso
'A mulher não moldou o vaso.'		

Portanto, conclui-se que o prefixo $\{s(i)-\}$ codifica a negação na estrutura verbal do Cinyanja. Este morfema ocupa a primeiríssima posição da estrutura verbal. Note que no exemplo (11) a vogal final se realiza como $\{-a\}$, enquanto em (12) se realiza como $\{-e\}$. A vogal final é discutida na seção 4.6. A próxima subseção apresenta a marcação de sujeito e objeto.

4.2. Marcação de sujeito e objeto

Nos verbos em Cinyanja, existem afixos relacionados aos argumentos do sujeito e do objeto em uma determinada frase. A marca de sujeito (MS) e a marca de objeto (MO) podem ambas funcionar como o argumento gramatical do verbo, ou seja, na presença delas, os DPs completos podem ser apagados. Veja o exemplo abaixo.

13 *Ikuzísäka.*

i-ku-zí-saàk-a
 3PL.SM-PRES-3PL.OM-caçar-FV
 'Eles estão caçando eles.'
 [adapted from Mchombo, 2004: 20]

Considere agora o estatuto da MS. Note o afixo $\{a-\}$ que ocorre na primeira posição do verbo. Este morfema é obrigatório; a sua ausência resulta numa frase agramatical (15). Note também que o afixo da MS está relacionado com a classe nominal do sujeito (14)-(16).

14 *Nkáazi anawúmba m'phika.*

nkaazi	a-na-wumb-a	m'phika
1-mulher	1SM-PAST-moldar-FV	3-vaso
'A mulher moldou o vaso.'		

15 **Nkáazi nawúmbe m'phika.*

nkaazi	na-wumb-a	m'phika
1-mulher	PAST-moldar-FV	3-vaso
'A mulher moldou o vaso.'		

16 *M'phika wáphwanyídwa.*

m'phika	w-a-phwany-idw-a
3-vaso	3SM-PAST-quebrar-PASS-FV
'O vaso quebrou.'	

Com base nos dados acima, conclui-se que a MS concorda com a classe nominal do sujeito e ocupa a segunda posição da estrutura verbal em Cinyanja, já que ocorre imediatamente após o prefixo de negação, conforme mostrado na subseção anterior.

Quanto à MO, ela ocupa a posição imediatamente antes do radical verbal, após os afixos de tempo e aspecto. Este morfema não é obrigatório. Considere os dados abaixo. Note que a MO se realiza como o morfema de classe apropriado, de acordo com a classe nominal do sujeito, e na presença deste afixo o objeto pode ser apagado e recuperado no discurso (ou seja, o objeto possui propriedades tópicas conforme descrito por Lambrecht (1994)).

17 *Njúci, izo zawálúma (osáka).*

njuci	izo	z-a- wa -lum-a	(osaka)
9-abelhas	3sg	9SM-PAST- 2om -picar-FV	2-caçador
'as abelhas, elas picaram eles (os caçadores).'			

18 *Mwána wamúpéza (gálu) kudámbo.*

mwana	w-a- mu -pez-a	(galu)	ku-dambo
1-criança	1SM-PAST- 1om -achar-FV	1-cachorro	LOC-pântano
'A criança encontrou ele (o cachorro) no pântano'			

Assim, com base nos dados acima, observa-se que a marcação de sujeito reflete a classe nominal do sujeito, e o mesmo padrão se encontra na marcação de objeto. Portanto, esses morfemas podem ser analisados como afixos de concordância. Há, contudo, instâncias em que essas marcações funcionam como concordância não-local, isto é, concordância anafórica. Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência da MS (19) e da MO (20) associadas à concordância não local e ao apagamento de argumento.

19 *Mikángo ikúdziwa kúti osáka akúfúna kúti íphe mbídzi.*

mikango	i-ku-dziw-a	kuti	osaka	a-ku-fun-a
4-leões	4SM-PRES-saber-FV	que	2-caçador	2SM-PRES-querer-FV
kuti	i -ph-e	mbidzi		
que	4sm -matar-FV	9-zebra		
'Os leões sabem que os caçadores querem que eles (os leões) matem a zebra.'				

20 *Mikángo ikúdziwa kúti njovu zikúfúna kúti anyáni ayígúltse kwa osáka.*

mikango	i-ku-dziw-a	kuti	njovu	zi-ku-fun-a	kuti
4-leão	4-PRES-saber-FV	que	9-elefante	9SM-PRES-querer-FV	que
anyani	a- yi -gul-its-e	kwa	osaka		
2-babuínos	2SM- 4om -vender-CAUS-FV	para	2-caçador		
'Os leões sabem que os elefantes querem que os babuínos vendam eles (os leões) para os caçadores.'					
[Adaptado de Mchombo, 2004: 23]					

Mchombo (2004: 20-22), em relação à variante Chewa, argumenta que a MS é ambígua, ou seja, pode funcionar como concordância verbal, como concordância anafórica e como um pronome incorporado. Por outro lado, o autor assume (2004: 26-27) que a MO corresponde a um pronome incorporado que

concorda com um objeto tópico (cf. Lambrecht, 1994)¹⁰. A pequena amostra de dados apresentada neste artigo não confirma nem refuta a hipótese de Mchombo¹¹, portanto a análise aqui proposta mantém um posicionamento neutro com relação ao status da marca de objeto.

A próxima subseção apresenta os morfemas temporais e aspectuais.

4.3. Morfemas de tempo e aspecto

O Cinyanja faz uso de morfemas que codificam tempo e aspeto. Ocorre uma coalescência dos dois nós em um único morfema. Em alguns casos, a marcação de sujeito também se funde com o afixo de tempo-aspeto. Compare os exemplos abaixo.

21 *Mavuto wapíta kunsíka.*

Mavuto	w-a-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.REC-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto foi ao mercado (hoje).'		

22 *Mavuto anápita kunsíka.*

Mavuto	a-na-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.MID-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto foi ao mercado (ontem).'		

23 *Mavuto adápita kunsíka.*

Mavuto	a-da-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.REM-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto foi ao mercado (passado remoto).'		

Os dados acima mostram que existem três expressões diferentes do pretérito, a saber: passado recente, passado médio e passado remoto. O mesmo padrão ocorre com as diferentes expressões do presente, habitual e progressivo. Compare as frases abaixo. Observe que para o presente habitual utiliza-se o afixo {-ma-}, enquanto para o presente progressivo emprega-se {-ku-}.

24 *Mavuto amapíta kunsíka.*

Mavuto	a-ma-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PRES.HAB-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto vai (regularmente) ao mercado.'		

25 *Mavuto akupíta kunsíka.*

Mavuto	a-ku-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PRES.PROG-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto está indo a mercado (agora).'		

¹⁰ Mchombo argumenta que a MO é um pronome incorporado com base nas seguintes evidências: ela satisfaz a estrutura de argumentos do verbo, além de desencadear concordância de longa distância (anafórica) e, em algumas línguas Bantu, a marca e o DP completo não podem coocorrer. Com base nessas evidências, Mchombo propõe que a MO é de fato um pronome incorporado.

¹¹ Como observado por um revisor, o comportamento da MO em Cinyanja é perfeitamente compatível com uma análise na qual a MO corresponde a um nó de concordância que toma a raiz verbal como seu complemento.

Quanto à expressão do tempo futuro, também existem distinções entre o futuro próximo e o futuro distante (mas não o futuro médio, que é codificado pelo mesmo afixo que o futuro próximo). Considere os dados abaixo. Observe que {a-} codifica, ao mesmo tempo, a marcação de sujeito, o tempo futuro próximo e o aspecto perfectivo.

26 *Mavuto apíta kunsíka.*

Mavuto	a-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM.FUT.REC-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto irá ao mercado (hoje).'		

27 *Mavuto apíta kunsíka.*

Mavuto	a-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM.FUT.MID-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto irá ao mercado (amanhã).'		

Futuro distante é codificado pelo affixo {-dza-}.

28 *Mavuto adzapíta kunsíka.*

Mavuto	a-dza-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-FUT.REM-ir-FV	LOC-mercado
'Mavuto irá ao mercado (depois de amanhã).'		

Futuro progressivo é realizado pelo morfema {-dzi-}, como ilustrado abaixo.

29 *Mavuto adzipíta kunsíka cakum'mawa.*

Mavuto	a-dzi-pit-a	ku-nsika	cakum'mawa
Mavuto	1SM-FUT.PROG-ir-FV	LOC-mercado	manhã
'Mavuto estará indo ao mercado de manhã.'			

Quanto ao aspecto imperfectivo, este também é combinado com o afixo de tempo em (30), o que resulta no morfema {-ma-}.

30 *Mavuto amapíta kunsíka pamene ife tinamupeza.*

Mavuto	a-ma-pit-a	ku-nsika	pamene	ife
Mavuto	1SM-PAST.IMPERF-it-FV	LOC-mercado	quando	nós

tinamupeza

1PL-PAST.PERF-1OM-encontrar-FV

'Mavuto estava indo ao mercado quando nós o encontramos.'
(ambos os eventos ocorreram ao mesmo tempo no passado.)

A expressão de um evento que ocorreu antes de outro evento no passado ocorre através do afixo {-na:-}, como visto abaixo.

31 *Mavuto ana:píta kunsíka pamene ife tinacoka.*

Mavuto	a-na:-pit-a	ku-nsika	pamene	ife
Mavuto	1SM-PAST.PERF-ir-FV	LOC-mercado	quando	nós

ti-na-cok-a
 1PL-PAST.PERF-partir-FV
 'Mavuto havia ido ao mercado quando nós partimos.'
 ('Mavuto foi ao mercado' ocorreu antes de "nós partimos")

Existe um contraste entre o pretérito imperfeito, no qual o evento ainda está ocorrendo, e o pretérito perfeito, no qual o evento já foi concluído. Considere os seguintes dados: o passado recente imperfeito é realizado por {*wa-*}; por outro lado, o passado recente perfeito é codificado por {-*na-*}, fundido com a marcação de sujeito.

32 Mavuto wapíta kunsíka.

Mavuto	w-a-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.IMPERF-ir-FV	LOC-mercado

'Mavuto foi ao mercado (hoje).'
 (Mavuto está no mercado agora)

33 Mavuto anapíta kunsíka.

Mavuto	a-na-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.PERF-ir-FV	LOC-mercado

'Mavuto foi ao mercado (hoje).'
 (Mavuto não está mais no mercado)

O pretérito perfeito progressivo médio é realizado por {-*ná-*}, ou seja, a diferença entre o aspecto/tempo é tonal. Quando o evento ocorreu 'ontem', mas já estava concluído, ocorre o afixo {-*na:-*}, que indica a fusão dos nós de tempo e aspecto através do prolongamento da vogal.

34 Mavuto anápita kunsíka.

Mavuto	a-na-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.IMPERF-ir-FV	LOC-mercado

'Mavuto foi ao mercado (ontem).'
 (Mavuto está no mercado agora)

35 Mavuto ana:pita kunsíka.

Mavuto	a-na:-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.PERF-ir-FV	LOC-mercado

'Mavuto foi ao mercado (ontem).'
 (Mavuto não está mais no mercado)

Quanto ao passado remoto, se a ação ainda estiver ocorrendo, o afixo {-*da-*} aparece no complexo verbal. Se não estiver mais ocorrendo, utiliza-se {-*da:-*}, ou seja, a diferença reside no prolongamento da vogal.

36 Mavuto adapita kunsíka.

Mavuto	a-da-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.PERF-ir-FV	LOC-mercado

'Mavuto foi ao mercado (passado remoto).'
 (Mavuto está no mercado agora)

37 Mavuto ada:pita kunsíka

Mavuto	a-da:-pit-a	ku-nsika
Mavuto	1SM-PAST.PERF-ir-FV	LOC-mercado

'Mavuto foi ao mercado (passado remoto).'
(Mavuto não está mais no mercado)

Esta seção mostra que os núcleos de tempo e aspecto são fundidos em um único morfema. Em alguns casos, o afixo também se funde com o marcador de sujeito da classe 1. Há diferenças entre o pretérito recente, médio e remoto, bem como entre os aspectos imperfectivo e perfectivo. No presente, há um contraste entre o aspecto habitual e o progressivo. Quanto ao futuro, existe uma diferença entre perfectivo e imperfectivo, e entre o recente e o distante.

A tabela a seguir resume os afixos que codificam tempo e aspecto em Cinyanja.

wa-	1MS + passado 'hoje'
-na-	passado 'ontem'
-da-	passado 'remoto'
-ma-	presente 'habitual'
-ku-	presente 'progressivo'
a-	1MS + futuro 'hoje' 1MS + futuro 'amanhã'
-dza-	futuro 'distante'
-dzi-	futuro 'progressivo'
-ma-	combinação de passado 'imperfectivo' com 'perfectivo' (os dois eventos ocorreram ao mesmo tempo no passado)
-naa-	passado 'perfectivo' (o evento ocorreu antes de outro evento no passado)
-da-	passado 'imperfectivo' (o evento começou no passado e ainda não acabou)

Tabela 3: Morfemas de tempo e aspecto

A próxima seção apresenta a expressão dos modos subjuntivo e imperativo.

4.4. Modo

Em Cinyanja, o modo subjuntivo é realizado pelo afixo {-kana-}. Considere os exemplos abaixo; observe que o afixo do subjuntivo ocorre na posição entre a MS e a MO, ou seja, a mesma posição ocupada pelo afixo de tempo/aspecto em frases indicativas.

38 Jowawo akanawuphwanya (m'phika)

Jowawu	a-kana-wu-phwany-a	(m'phika)
1-John	1SM-SUBJ-3OM-quebrar-FV	3-vaso
'John quebraria ele (o vaso).'		

39 Jowawo sakanaphwany m'phika

Jowawus-	s-a-kana-phwany-a	m'phika
1-John	NEG-1SM-SUBJ-quebrar-FV	3-vaso
'John não quebraria o vaso.'		

Quanto ao modo imperativo, ele é codificado pela ausência da maioria dos afixos.

Nos imperativos negativos, o prefixo de negação $\{s(i)-\}$ está presente, e a vogal final pode mudar de $\{-a\}$ para $\{-e\}$. Curiosamente, nem todos os imperativos negativos apresentam essa mudança na vogal final. Observe os dados abaixo.

Nestas frases, o verbo recebe apenas a vogal final (tanto em frases afirmativas quanto negativas) e o marcador de negação (em frases negativas), ou seja, os outros afixos não ocorrem neste modo.

40 Kula!

kul-a
crescer-fv
'Cresça!'

41 Sakule!

sa-kul-e
NEG-crescer-FV.NEG
'Não cresça!'

42 Phwanya m'phika!

phwany-a m'phika
quebrar-FV 3-vaso
'Quebre o vaso!'

43 Saphwanye m'phika!

sa-phwany-e m'phika
NEG-quebrar-FV.NEG 3-vaso
'Não quebre o vaso!'

Portanto, em imperativas a negação pode ser codificada pelo prefixo $\{sa-\}$ e através da mudança na vogal final de $\{-a\}$ para $\{-e\}$.

A próxima seção apresenta as extensões verbais.

4.5. Extensões verbais

Em muitas línguas Bantu, morfemas derivacionais conhecidos como extensões ocorrem no complexo verbal. Givón (1971) argumenta que estas surgiram através da gramaticalização de partículas verbais incorporadas ao verbo. Em Cinyanja as extensões mais produtivas são a aplicativa, a causativa e a passiva. A aplicativa licencia um objeto adicional, enquanto a causativa introduz um argumento causador, exprimindo um evento de causação que desencadeia o evento principal. Ambas são extensões $O+$, adicionando argumentos e aumentando a valência. A passiva, por outro lado, é $O-$; ela remove o agente à elisão ou a complemento de uma preposição e promove o objeto a sujeito, reduzindo assim a valência verbal.

Os exemplos abaixo ilustram a construção causativa¹² no Cinyanja. Perceba que na presença da extensão $\{-ets-\}$ um argumento causador/ agente é introduzido na sentença.

¹² There are many works on the causative extension, but I refer the reader to Pylkkänen (2008) for a comprehensive analysis.

44 *Nsómba yagwa.*

nsomba	y-a-gw-a
9-peixe	9SM-PAST.PERF-cair-FV
'O peixe caiu.'	

45 *Mamúna wagwetsétsa nsómba.*

Mamuna	w-a-gw-etsets-a	nsomba
1-homem	1SM-PAST.PERF-CAUS-cair-FV	9-peixe
'O homem fez o peixe cair.'		

A extensão causativa pode ser combinada com a extensão passiva, codificada pelo morfema {-édw-}, resultando na construção em que o argumento agente é apagado ou demovido na sentença. Veja o exemplo abaixo que ilustra esse fenômeno.

46 *Nsómba yagwetsédwa pansi (ndí māmúna).*

nsomba	y-a-gw-ets-edw-a	pa-nsi	ndi
9-peixe	9SM-PAST.PERF-cair-CAUS-PASS-FV	LOC-chão	por
mamuna			
1-homem			
'O peixe foi jogado no chão pelo homem.'			

Considere agora um exemplo de uma construção applicativa benefactiva. Note que, na presença da extensão {-e/-}, um novo objeto é introduzido e estabelece uma relação com o evento denotado pelo verbo. Esta relação semântica sugere que este núcleo é a instanciação de um núcleo aplicativo alto, conforme descrito por Pykkänen (2008).

47 *Nkángó wapha mbiidzi.*

nkango	w-a-ph-a	mbiidzi
3-leão	3SM-PAST.PERF-matar-FV	9-zebra
'O leão matou a zebra.'		

48 *Nkángó waphéla osáka mbiidzi.*

nkango	w-a-ph-el-a	osaka	mbiidzi
3-leão	3SM-PAST-matar-APPL-FV	2-caçador	9-zebra
'O leão matou a zebra para os caçadores.'			

A extensão applicativa pode ser combinada com a extensão passiva {-édw-}. Note que a ordem das extensões pode mudar dependendo do contexto – em (49) a passiva segue a applicativa, enquanto em (50) a applicativa segue a passiva.

49 *Mwána wasekelelédwa ndi nkázi.*

mwana	w-a-sekel-el-edw-a	ndi	nkazi
1-criança	2SM-PAST.PERF-SORRIR-APPL-PASS-FV	por	1-mulher
'A criança recebeu um sorriso (dado) pela mulher'			

50 *Mbiidzi, yaphédwéla osáka, ndi nkángó.*

mbiidzi	y-a-ph-edw-el-a	(osaka)	ndi	nkango
9-zebra	SM-PAST.PERF-matar-PASS-APPL-FV	2-caçador	por	3-leão
'A zebra foi morta para os caçadores pelo leão.'				

As extensões aplicativa e causativa também podem coocorrer, conforme o exemplo abaixo.

51 *Mwana waphwanyitsila m'phika mwamuna nkazi.*

mwana	w-a-phwany-its-il-a	m'phika
1-criança	1SM-PAST.PERF-quebrar-CAUS-APPL-FV	3-vaso

mwamuna	nkazi
1-homem	1-esposa

'A criança causou que o homem quebrasse o vaso em detrimento da esposa.'

A ordem dos afixos causativo e aplicativo está sujeita a variações, como visto nos dados abaixo. Entretanto, nesse contexto a ordem dos argumentos é rígida.

52 *Mwana waphwanyilitsa mwamuna nkazi m'phika.*

mwana	w-a-phwany-il-its-a	mwamuna
1-criança	1SM-PAST.PERF-quebrar-APPL-CAUS-FV	1-homem

nkazi	m'phika
1-esposa	3-vaso

'A criança causou que o homem quebrasse o vaso em detrimento da esposa.'

- 53 *Mwana waphwanyilitsa m'phika mwamuna nkazi.
 54 *Mwana waphwanyilitsa m'phika nkazi mwamuna.
 55 *Mwana waphwanyilitsa nkazi mwamuna m'phika.
 56 *Mwana waphwanyilitsa nkazi m'phika mwamuna.

Portanto, conclui-se que as três extensões produtivas vistas acima podem se combinar em ordens diferentes, mas a combinação é restrita de algumas formas; quando a aplicativa e a causativa são combinadas, a ordem dos argumentos depende da ordem das extensões. Essa restrição não se aplica à combinação de CAUSATIVA + PASSIVA nem à de APLICATIVA + PASSIVA.

Nesta seção apresentei uma discussão sobre a realização das extensões aplicativa, causativa e passiva. A próxima seção apresenta uma discussão sobre a vogal final.

4.6. A vogal final

A vogal final em Cinyanja é geralmente codificada pelo morfema {-a}. No entanto, em contextos negativos ela pode mudar para {-e} (ver exemplos (32) acima). Em contextos de uma oração negativa coordenada, a vogal final também pode mudar para {-e}, como no exemplo abaixo.

57 *Mavuto amakonda kuvina, koma lero sanafune kuvina.*

Mavuto	a-ma-kond-a	ku-vin-a	koma	lero
Mavuto	1SM-PRES.HAB-querer-FV	INF-dançar-FV	mas	hoje

s-a-na-fun-e	ku-vin-a
NEG-1SM-PAST.PERF-gostar-FV.NEG	INF-dançar-FV

'Mavuto gosta de dançar, mas ele não quis dançar hoje.'

Dessa forma, os dados sugerem que a vogal final está relacionada à expressão da negação. Esta vogal não parece ser temática, considerando a distribuição dos alomorfes {-a} e {-e}. Nesta seção, apresentei os dados relevantes para sustentar minha proposta teórica, que será desenvolvida na próxima seção.

5. A proposta teórica

Conforme visto nos dados apresentados até agora, o complexo verbal do Cinyanja é composto dos seguintes nós morfossintáticos.

negação	{si-}
Marcação de sujeito	afixo da classe nominal apropriada
modo	{-kana-} (subjuntivo) ausência de afixos exceto negação e vogal final (imperativo)
tempo e aspecto	11 afixos (apresentados na tabela (2)) fundidos pós-sintaticamente em todos os contextos fundidos com a marca de sujeito no contexto de passado recente + classe 1 fundido com a marca de sujeito no contexto de futuro próximo + classe 1
marcação de objeto	afixo da classe nominal apropriada
raiz verbal	realização da raiz categorizada como verbo
extensões	afixos que manipulam a valência e o significado do verbo
vogal final	variação entre {-a} e {-e} relacionada a contextos de negação

Tabela 4: elementos que compõem o complexo verbal do Cinyanja

Considere a sentença abaixo.

58 Nkángo waphéla osáka mbidzi.

nkango	w-a-ph-el-a	osaka	mbidzi
3-leão	3SM-PAST-matar-APPL-FV	2-caçador	9-zebra

'O leão matou a zebra para os caçadores'.

Proponho abaixo a derivação morfossintática da sentença (58), no escopo do minimalismo.

1. O primeiro passo da derivação é a Numeração, na qual as raízes não categorizadas e subespecificadas e os feixes de traços são selecionados do léxico estrito e entram na computação.
2. Em seguida ocorre a categorização das raízes, o que constitui uma microfase, ou seja, o objeto sintático resultante, seja por exemplo um verbo ou um nome, é enviado para o Spell-Out assim que a categorização ocorre,

resultando na realização um tanto cristalizada¹³ do significado e do significante.

3. Em seguida, a raiz verbal categorizada toma o argumento interno como seu complemento, criando assim o objeto sintático VP.
4. O VP pode ser tomado como o complemento de uma extensão verbal, e a raiz é juntada ao núcleo da extensão. No caso do núcleo Aplicativo, como ele encabeça uma fase (cf. McGinnis, 2008), o objeto sintático VERBO+APPL é enviado para o Spell-Out.
5. O verbo estendido ou não-estendido é fundido como o complemento de Voice, que introduz o argumento externo (agente). Nesta etapa a fase de Voice é concluída, e o resultado VOZ+VERBO+(EXTENSÃO) é enviado para o Spell-Out.
6. Neste ponto a marcação de objeto pode, opcionalmente, ser juntada ao complexo verbal construído até este passo.
7. O objeto sintático composto pela junção de Voice com o verbo, e possivelmente também com a extensão e a marcação de objeto, é fundido aos nós aspectual e de tempo. Esses nós são combinados logo acima da marcação de objeto, que por sua vez está logo acima de Voice.
8. O núcleo de tempo toma o complexo verbal derivado até então como seu complemento. Em seguida, o núcleo de aspecto é combinado com a estrutura construída até o então. Há de se notar que os núcleos de tempo e aspecto não podem ocorrer simultaneamente com o núcleo de modo.
9. Então a marcação de sujeito é concatenada acima dos núcleos de tempo e aspecto.
10. Finalmente, o nó de negação pode ser juntado acima do nó de marcação de sujeito.
11. O núcleo complementizador toma a estrutura derivada até o momento como seu complemento, e a sentença inteira é concluída e enviada para o Spell-Out.

¹³ Arad (2003) apresenta evidências deste fenômeno com base numa análise do hebraico. Rocha (2024) aplicou a mesma análise ao Cinyanja, confirmando a hipótese de Arad.

12. Na Estrutura Morfológica ocorrem os seguintes processos:

- 12.1 a marcação de sujeito e objeto é associada ao afixo adequado de acordo com a classe nominal do argumento;
- 12.2 os núcleos de tempo e aspeto são fundidos e providos com a realização adequada do morfema;
- 12.3 a vogal final é fornecida com sua realização de acordo com a presença ou ausência do nó de negação. Esta vogal não parece ser temática. Nos dados discutidos neste artigo, a vogal final é realizada majoritariamente como {-a}; a forma {-e} só ocorre em algumas orações negativas.

A derivação delineada acima pode ser representada pela estrutura abaixo.

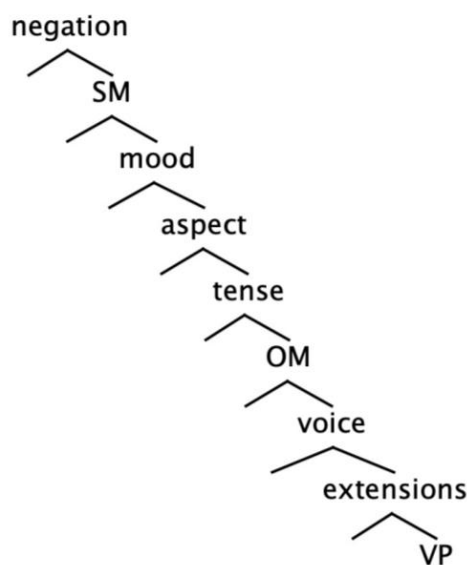


Figura 4: estrutura do complexo verbal do Cinyanja

Desse modo, nessa seção discuti minha proposta teórica. A próxima seção apresenta as considerações finais.

6. Considerações finais

O objetivo do presente artigo é identificar os componentes do complexo verbal em Cinyanja e fornecer uma explicação da derivação da estrutura desse complexo. A fim de alcançar este objetivo, as seguintes questões de pesquisa orientaram a análise:

1. Quais morfemas ocorrem dentro do complexo verbal do Cinyanja?
2. Qual é a estrutura morfosintática desse complexo?

A respeito da questão (1), foram identificados os seguintes morfemas:

negação	{ <i>si-</i> }
marcação de sujeito	afixo da classe nominal apropriada
modo	{ <i>-kana-</i> } (subjuntivo) ausência de afixos exceto negação e vogal final (imperativo)
tempo e aspecto	11 affixos (apresentados na tabela (2)) fundidos pós-sintaticamente em todos os contextos fundidos com a marca de sujeito no contexto de passado recente + classe 1 fundido com a marca de sujeito no contexto de futuro próximo + classe 1
marcação de objeto	afixo da classe nominal apropriada
raiz verbal	realização da raiz categorizada como verbo
extensões	afixos que manipulam a valência e o significado do verbo
vogal final	variação entre {-a} e {-e} relacionada a contextos de negação

Tabela 5: afixos que compõem o complexo verbal do Cinyanja

Considera-se que tempo e aspecto sofrem fusão pós-sintática, uma vez que diferentes morfemas codificam diferentes combinações de tempo e aspecto, e esses morfemas parecem não poder ser divididos separadamente em tempo e aspecto. A minha escolha pela Morfologia Distribuída acomoda facilmente essa fusão.

A respeito da questão (2), proponho a seguinte estrutura:

NEG	sujeito	aspecto + tempo / modo	objeto	$\sqrt{\text{raiz}}$	extensões	vogal final
-----	---------	---------------------------	--------	----------------------	-----------	-------------

Também propus a derivação da estrutura do verbo baseada na premissa minimalista de um módulo computacional que processa objetos sintáticos em blocos de computação chamados fases. A figura abaixo ilustra a estrutura sintática do complexo verbal em Cinyanja.

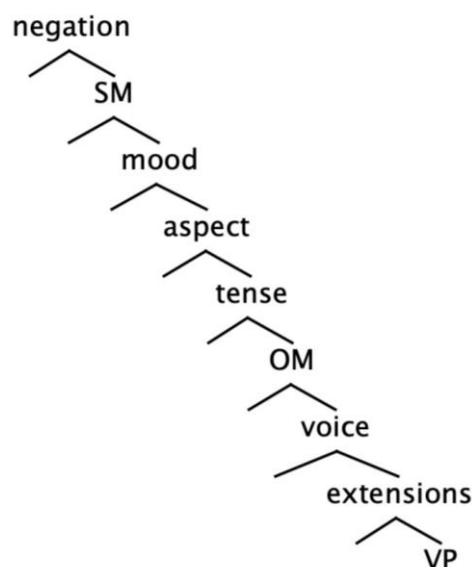


Figura 5: estrutura do verbo em Cinyanja

Espero que esta pesquisa possa lançar alguma luz sobre o conhecimento do complexo verbal e de seus componentes nas línguas Bantu, especialmente no Cinyanja.

Referências bibliográficas

- Arad, Maya. 2003. Locality constraints on the interpretation of roots: The case of Hebrew denominal verbs. *Natural Language & Linguistic Theory*, 21, 4: 737-778.
- Baker, Mark C. 1985. The mirror principle and morphosyntactic explanation. *Linguistic Inquiry*, 16, 3: 373-415.
- Biriate, Mário. 2023. *A sintaxe das orações relativas em Cinyanja*.
- Börjars, Kersti, Rachel Nordlinger y Louisa Sadler. 2019. *Lexical-functional grammar: An introduction*. Cambridge University Press.
- Cançado, Márcia, Luana Amaral e Letícia Lucinda Meirelles. 2018. Verboweb: Uma proposta de classificação verbal. *Revista Da Anpoll*, 1, 46: 123-141 [em linha]. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i46.1077>
- Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. MIT Press.
- Chomsky, Noam. 1970. Remarks on nominalization. In Roderick A. Jacobs e Peter S. Rosenbaum (eds.), *Readings in English Transformational Grammar*: 184-221.
- Chomsky, Noam. 2008. On phases. *Current Studies in Linguistics Series*, 45: 133.
- Dalrymple, Mary. 2023. *Handbook of Lexical Functional Grammar*. Language Science Press.
- Dalrymple, Mary, John J. Lowe e Louise Mycock. 2019. *The Oxford reference guide to lexical functional grammar*. Oxford University Press.
- Falk, Yehuda. 2011. *Lexical-functional grammar*. Oxford University Press Oxford, UK.
- Gallego, Ángel J. 2015. Roots and phases. *The Syntax of Roots and the roots of syntax*. Artemis Alexiadou, Hagit Borer, Florian Schäfer (eds.), Oxford University Press.
- Giegerich, Heinz J. 2015. *Lexical structures: Compounding and the modules of grammar*. Edinburgh University Press.
- Givón, Talmy. 1971. On the verbal origin of the Bantu verb suffixes. *Studies in African Linguistics*, 2, 2: 145.
- Guthrie, Malcolm. 1948. *The classification of the Bantu languages*.
- Guthrie, Malcolm. 1962. The status of radical extensions in Bantu languages. *Journal of African Languages*, 1, 3: 202-220.
- Halle, Morris. 1973. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, 4, 1: 3-16.
- Halle, Morris e Alec Marantz. 1994. Some key features of Distributed Morphology. *MIT Working Papers in Linguistics*, 21, 275: 88.
- Halle, Morris, Alec Marantz, Kenneth Hale e Samuel Jay Keyser. 1993. Distributed morphology and the pieces of inflection. *The view from building*, 20: 111-176.

- Kishindo, Pascal. 2025. Chinyanja/Chichewa. In *The Oxford Guide to the Bantu Languages*, Oxford University Press: 967-980.
- Lambrecht, Knud. 1994. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents* (Vol. 71). Cambridge University Press.
- Macalane, Geraldo L. 2013. *A variação paramétrica das interrogativas parciais em Cinyanja* (Vol. 9). Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM.
- Matthewson, Lisa. 2004. On the methodology of semantic fieldwork. *International Journal of American Linguistics*, 70, 4: 369-415.
- McGinnis, Martha. 2008. Applicatives. *Language and Linguistics Compass*, 2, 6: 1225-1245.
- Mchombo, Sam. 2004. *The syntax of Chichewa*. Cambridge University Press.
- Pylkkänen, Liina. 2008. *Introducing Arguments* (Vol. 49). MIT press.
- Rocha, Bárbara G. 2017. *Applicatives in Dialectal Brazilian Portuguese*. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Rocha, Bárbara G. 2024. A derivação de nomes e verbos 'denominais' do chichewa/cinyanja no âmbito da morfologia distribuída. Work presented at the *XVII Semana Nacional de Letras and IV Simpósio Nacional de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem*.
- Scalise, Sergio e Emiliano Guevara. 2005. The lexicalist approach to word-formation and the notion of the lexicon. In *Handbook of word-formation*, Springer: 147-187.

Nota

Este artigo foi integralmente idealizado e elaborado por sua autora.

Disponibilidade dos dados

Neste artigo foram utilizados, em sua grande parte, dados originais, coletados e analisados pela autora conforme descrito na seção de metodologia. Esses dados serão disponibilizados para o público em uma data futura. Foram também utilizados dados de outros trabalhos; esses estão adequadamente citados no corpo do texto e nas referências.

Nota de Aceitação

Este texto foi aceito para publicação pelo único Diretor-Editor da revista, Adolfo Elizaincín, que agiu de acordo com o disposto na "Declaração de comportamento ético" da revista *Lingüística* (https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/Declaracao_comp_etico.pdf), primeiro parágrafo do capítulo "Obrigações do Diretor-Editor". O Diretor-Editor, os revisores e os autores devem aderir explicitamente a esta declaração.